

O GÊNERO CRÔNICA E O TEXTO MIDIÁTICO POR ADOLESCENTES DO FUNDAMENTAL II

Maria de Fátima da Silva (UERN)

mariafsilva@alu.uern.br

Cinthia Hillaria Silva do Nascimento (UERN)

cinthiahillaria@alu.uern.br

RESUMO

O processo de escrita textual é uma atividade interativa, e são os sujeitos da interação que fazem do ato de escrever uma ação concreta e social. Nesse sentido, este trabalho busca integrar a produção de escrita textual, do gênero crônica no Ensino Fundamental II, à publicação no *Instagram*, possibilitando aos estudantes garantia de interlocutores aos seus textos. Com base nos pressupostos teóricos defendidos pela perspectiva interacionista, esta pesquisa tratar-se-á de uma análise de resultados de aplicação de aula que envolveu o gênero crônica e os aspectos constitucionais do gênero narrativo pretendido; e a receptividade e aceitabilidade por parte dos alunos de turmas de 8º e 9º anos. Utilizando-se de mídias sociais, como o *Instagram* – como o meio veiculador dos textos – observaremos como o processo de aquisição da escrita e o repertório interagem na comunicação midiática. Os resultados das produções estavam dentro do esperado, considerando que já se conhecia as habilidades das turmas, no entanto, surpreendeu-se com a interação que os alunos passaram a ter com a página veiculadora dos textos. A respeito das questões teóricas, recorreu-se aos estudos da linguística textual, com enfoque nos preceitos de Antunes (2003), Geraldi (2011), Marcuschi (2008) e Neves (2004). Em consonância a perspectiva defendida, recorreremos, ainda, às orientações de Brasil (2018) para apoiar-se nas orientações pedagógicas disponibilizadas aos professores de educação básica.

Palavras-chave:

Gênero Crônica. Produção Textual. Texto Midiático.

ABSTRACT

The textual writing process is an interactive activity, and it is the subjects of interaction that do the act of writing a concrete and social action. In this regard, this work seeks to integrate the production of textual writing, of the chronicle genre in the Elementary School II, with the publication on *Instagram*, enabling students to guarantee interlocutors for their texts. Based on the theoretical assumptions defended by the interactionist perspective, this research will deal with an analysis of the results of a class that involved the chronicle genre and the constitutional aspects of the intended narrative genre; and the receptivity and acceptability of students from 8th and 9th grades. Using social media such as *Instagram* – as the way to convey the texts – we will observe how the writing acquisition process and the repertoire interact for communicative success in the social media text. The results of the productions were as expected, considering that the skills of the groups were already known, however, the interaction that students began to have with the page that conveyed the texts was surprised. Regarding theoretical issues, we resorted to studies of textual linguistics,

focusing on the precepts of Antunes (2003), Geraldi (2011), Marcuschi (2008) and Neves (2004). In line with the defended perspective, we will also use the guidelines of Brasil (2018) to support the pedagogical guidelines made available to basic education teachers.

Keywords:

Chronicle Genre. Textual Production. Social Media Text.

1. Considerações iniciais

Devido aos avanços tecnológicos e evolução humana nota-se um grande número de crianças, adolescentes/jovens que têm acesso às mídias digitais. Inserir-las à prática de ensino torna-se necessário para uma interação da escola com o mundo em que a prática comunicativa prevalece, prova disso foi o contexto de pandemia do *SARS-CoV-2* – popularmente chamado de coronavírus – e o ensino remoto, que só foi possível por meio das mídias digitais. Com isso, torna-se necessário aceitar que as tecnologias devem ser usadas como instrumentos para o ensino.

Com base nos pressupostos teóricos defendidos pela perspectiva interacionista, esta pesquisa trará uma proposta de sequência didática envolvendo o gênero crônica em turmas de 8º e 9º anos. Utilizando-se do *Instagram* – meio veiculador dos textos – observaremos como o processo de aquisição da escrita e o repertório interagem para o sucesso comunicativo no texto midiático. Dessa forma, o texto será tratado como “o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus veículos com o mundo no qual ele surge e funciona” (MARCUSCHI, 2008, p. 71-2).

Temos por objetivo proporcionar aos discentes a oportunidade de interação com leitores reais, ampliando assim as várias situações de uso em vários contextos sociais, ou seja, ao conhecer o meio vinculador de seus textos e seus possíveis leitores, os estudantes poderão adaptar suas produções aos seus interesses comunicativos.

2. Fundamentação teórica

A produção de escrita textual, quando levada como um processo comunicativo entre os interlocutores, proporciona aos estudantes, agentes da comunicação, compreender o real sentido e propósito em produzir texto, assim como propõe Antunes (2003):

a escrita, pelo fato de não requerer a presença simultânea dos interlocutores em interação, não deixa de ser um exercício da faculdade da linguagem. Como tal, existe para servir à comunicação entre sujeitos, os quais, cooperativa e mutuamente, se ajustam e se condicionam. Quem escreve, na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. Essa outra pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo. (ANTUNES, 2003, p. 45)

Para tanto, se faz necessário que o texto, produzido em sala de aula, ultrapasse os muros da escola, passando a ganhar novos leitores além do professor que, na maioria das vezes, será o único leitor. A interação tão importante para o processo de comunicação se faz necessária para que o estudante se reconheça como escritor que produz para “alguém”.

[...] é preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele)? (GERALDI, 2011 p. 65)

A produção textual não deve se concentrar apenas em escrever para obter nota, muito além da avaliação é preciso formar leitores/escritores capazes de interagir com o meio social nas diversas situações de comunicação, quando os estudantes compreendem isso passam a produzir textos mais dinâmicos que expressam exatamente sua intenção comunicativa.

O trabalho com a leitura e produção de texto necessita de estratégias que envolvam todas as modalidades da língua, o que parece ser algo difícil, pois muito se observa que o ensino de língua ainda é “desmembrado”. Apesar da observância de resultados negativos com esse tipo de compreensão, a língua parece um “oceano”, e muitos não conseguem explorar a longitude dele, prendendo-se a nadar apenas onde sua visão alcança. Em relação ao que deve ser ensinado nas aulas de português Neves pontua uma certeza:

[...] a única certeza é a de que temos de ir da língua – da linguagem – para o padrão (isto é, do uso para a norma), e não do padrão para a linguagem e para a língua, que é o que numa visão acrítica se tem feito. (NEVES, 2004, p. 22)

A visão que o professor adota interfere na escolha de estratégias e de caminhos a percorrer para se aproximar de uma eficiência no processo comunicativo da fala e escrita dos alunos da Rede Básica. O que torna

necessário, também, é que fiquemos conscientes, como profissionais da educação, que os meios digitais estão ganhando espaço em todos os âmbitos da vida humana e ser averso a isso é nadar numa pequena circunferência. Hoje, é quase imperativo que os docentes também estejam inseridos a alguma plataforma de interação digital.

Com este pensamento, não se pode desconsiderar que a tecnologia objetiva a evolução e “facilita” a vida das pessoas. Dessa forma, utilizá-la como uma aliada para o ensino, que tanto apresenta desafios, é agir com inteligência podendo oportunizar um ensino que se a de que a situações reais dos discentes, já que eles são adeptos às redes sociais e, notoriamente, possuem extrema facilidade em veicular à comunicação aos meios digitais.

3. Aspectos metodológicos

Metodologicamente, este trabalho se caracteriza como qualitativo de cunho interpretativista e está inserido na área dos Estudos da Linguagem. Considerando que:

todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. (BRASIL,1998, p. 21)

Este trabalho foi desenvolvido a partir de realização de uma sequência didática aplicada em duas turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, 8º e 9º anos, seguindo a conceituação de discurso e suas condições de produção, gênero e texto orientadas pelos Parâmetros curriculares nacionais (PCNs):

CAMPO JORNALÍSTICO-MIDIÁTICO – Trata-se, em relação a este Campo, de ampliar e qualificar a participação das crianças, adolescentes e jovens nas práticas relativas ao trato com a informação e opinião, que estão no centro da esfera jornalística/midiática. Para além de construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo, o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas, incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos e possam produzir textos noticiosos e opinativos e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa. (BRASIL, 1998, p.148)

Os PCNs destacam os objetos de conhecimento que as informações e estratégias do campo jornalístico e midiático podem acrescentar para o desenvolvimento sócio interacional e individual. O envolvimento dos nossos alunos com os textos trabalhados criticamente em opiniões, como os textos expostos nos jornais e veículos afins, é primordial para que, de fato, compreendam a importância do discurso no processo comunicativo interativo e que assumam o papel de autor de suas ideias por meio da fala e da escrita.

3.1. Aspectos composicionais do gênero crônica

Seguindo esta premissa, a sequência metodológica, a fim de alcançar os objetivos, viu-se por necessário os seguintes norteadores:

- 1º eixo: **conteúdo temático** (o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero).

Para este eixo, utilizou-se 2 aulas de 50min para explicar o conteúdo temático. No primeiro contato com a proposta do gênero crônica, iniciou-se um debate a partir da leitura compartilhada da crônica “*O amor acaba*” de Paulo Mendes Campos, proposta no material disponibilizado nos cadernos do professor nas Olimpíadas de língua portuguesa. Na ocasião, repercutimos a ideia de “amor” na visão dos adolescentes. A temática gerou muitas respostas e despertou outras percepções sobre o assunto. Vale destacar que a discussão envolveu a participação de quase 100% de cada turma. No fim das discussões, explanou-se para as turmas que o texto era uma crônica, e como todo texto, ela tinha uma intenção e público-alvo, dando espaço para que pudesse ser feita uma pequena análise sobre o texto lido.

- 2º eixo: **construção composicional** (estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero).

A estrutura particular da crônica foi explorada a partir de análise comparativa de crônicas que os alunos foram orientados a pesquisar na internet, observando as características estruturais e enunciativas. As discussões envolveram a variação linguística dos textos lidos; observaram também que a estrutura das crônicas encontradas era simples, permissível e de fácil compreensão já abrindo espaço para explorar o 3º eixo.

- 3º eixo: **estilo** (configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de sequências que compõem o texto).

Considerando que os alunos tiveram contato com diversos modelos de crônicas (narrativa, jornalística, poética, dissertativa etc.) no momento que foi reservado para o estudo da estrutura do texto, neste eixo, enfatizou-se a importância de as turmas descobrirem seu próprio estilo de escrita para suas produções. De antemão, foi deixado livre para que os discentes encontrassem seu próprio estilo, ressaltando que a crônica permite uma certa liberdade estrutural e intimidade na relação locutor/interlocutor. Alguns, descobrindo uma estilística mais poética com uso de figuras de linguagem e na organização do enunciado; outros mais precisos e críticos com o enunciado e cautelosos com o emprego de palavras e elementos de coesão como o uso pronominal da próclise.

Neste momento, os alunos foram informados de que as produções seriam publicadas, mas que todos teriam direito ao anonimato, caso fosse uma preferência pessoal.

3.2. Trilhas metodológicas e analíticas

Destacou-se, na análise, três momentos que foram responsáveis pela coleta de resultados das atividades desenvolvidas:

- **Início – INSEGURANÇA**

Observou-se, a princípio, que os alunos apresentaram muita resistência na produção de texto em sala de aula e muito mais à publicação no *Instagram*. Neste momento, a maioria expressou falta de confiança: uns externalizando verbalmente que tinham medo de ser julgado; outros diziam ter vergonha do que escrevia e da publicação em redes sociais. A temática trabalhada (crônicas de um adolescente) foi bastante aceitável e envolvente, pois as discussões geraram muitas propostas de crônicas. Porém, a dificuldade em materializar as opiniões foi a trava para que os alunos se vissem como futuros cronistas.

- **Durante – PROVOCAÇÃO**

Após a publicação de textos de alguns colegas e da mídia que foi gerada, dentro e fora da escola, possibilitou aos alunos, que apresentavam maior insegurança, iniciarem os primeiros rabiscos. Observou-se

neste momento, que os textos publicados por uma turma incentivavam a escrita dos alunos da outra turma.

- Por fim – AUTOSSUFICIÊNCIA

Observamos que os alunos, que concordavam com a publicação, passavam a ter maior confiança em seus textos. A escrita de crônicas passou a ser necessária para alguns, e mesmo apresentando dificuldades na clareza do texto (problema que já se notou em evolução na comparação com os textos iniciais em relação aos últimos textos) as publicações aumentaram, ganhando novos adeptos, alguns escrevendo mais de uma crônica, sem que para isso fossem solicitados.

4. Considerações finais

A divulgação da produção de crônicas na mídia social, proporcionou aos estudantes o reconhecimento e a interação necessária entre os sujeitos de comunicação, ou seja, os textos passaram a ter leitores reais, além do ambiente escolar, ultrapassando assim, os muros da escola, os *likes* e comentários motivaram novos adeptos à proposta, portanto verifica-se, que no processo de escrita textual, tão importante quanto compreender as características do gênero é proporcionar interlocutores e contexto social de interação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental*. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, 1998.

BRASIL. *Ministério da Educação*. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

GERALDI, João Wanderley de *et al.* (Orgs). *O texto na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Outra fonte:

CENPEC. *A ocasião faz o escritor*. Caderno do professor: orientações para produção de textos (Crônicas). Equipe de produção: Maria Aparecida Laginestra e Maria Imaculada Pereira. São Paulo: Cenpec, 2016a. Coleção da Olimpíada.